



JEL UERJ
Jornadas de Estudos da Linguagem
02 a 04 de DEZEMBRO de 2010



A charge escolar – trabalhando os limites do sentido

Autor: Marcos de Sá Costa

marcossacosta@gmail.com

Universidade Federal Fluminense

Tendo com base teórica a Análise de Discurso de linha franco-brasileira e, especificamente, em textos produzidos por Lagazzi acerca da relação do verbal com o não verbal na produção de sentidos; por Orlandi, sobre silêncio, discurso da cidade e seus efeitos de sentido e, mais especificamente, as reflexões sobre a significação de espaços e sujeitos; e por Lebrun e Dufour, ao apontarem mudanças nas subjetividades contemporâneas, a proposta é analisar algumas charges que têm como tema a relação entre professor e aluno, visando descrever e explicitar o trabalho nos/dos limites de sentido produzidos pelas charges, a fim de promover novos gestos de interpretação e observar o modo de funcionamento dos sujeitos contemporâneos. A escolha desse grupo tem como base a questão do sujeito e sua historicidade. Observadas as vicissitudes, na atualidade, no que tange as subjetividades, tanto do ponto de vista filosófico, apontadas por Dufour, como do ponto de vista psicanalítico, consoante Lebrun e Melman, queremos observar, no funcionamento discursivo das charges, como ocorre o processo de subjetivação e como se dá a produção de sentidos. Ao afirmar o surgimento de uma nova “economia psíquica”, Melman nos abre um espaço de observação discursiva para descrevermos como esse fato comparece nas charges sobre escola. Para além da observação de uma nova forma sujeito filosófica ou de uma nova economia psíquica, interessa-nos observar o funcionamento desse sujeito discursivo. Propomos conceber a charge como um discurso, dotado de historicidade. Desse modo, observamos o funcionamento das charges sobre escola a partir da dispersão de sua materialidade, o que aponta para um silêncio dos sentidos produzidos por ela. Observamos a charge, então, calcados no que Bergson afirma sobre o cômico: O cômico é social, é resultado de um desliz, de uma falha, de um equívoco. Tomamos a noção de equívoco, à luz da análise do discurso, como a falta constitutiva e não com erro. O equívoco inerente ao funcionamento da linguagem, pois não há ritual sem falhas, como nos afirma Pêcheux. Através desse caminho observamos que as charges produzem sentidos que são da ordem da ruptura, do equívoco. Sentidos que vão ao encontro de um ordinário do sentido, que tende a estabilização de sentidos sobre escola, professor e aluno. A charge funciona, discursivamente, oferecendo lugar a interpretação, a um sentido outro, a um desliz. Pela via do cômico, a charge desestabiliza sentidos e aponta outros caminhos, outros gestos de interpretação, ou seja, outras leituras. Para tal abordagem, é necessária uma análise da relação do verbal com o não verbal. Concebemos, a partir das considerações de Lagazzi, que o verbal e o não verbal trabalham em composição, um fazendo trabalhar a incompletude do outro. Não nos

vinculamos a abordagens que sobrepõem o verbal ao não verbal, numa relação de dependência, de apoio. Para nós, a charge é tomada como um todo significativo, como um objeto simbólico e, como tal, produz sentidos que fazem parte das relações de forças sócio-históricas e que se inscrevem na memória do dizer. Com isso, tomamos os sentidos produzidos pelas charges como gestos de interpretação negados, evitados pelo ordinário do sentido, silenciados através do movimento de dispersão das charges. Observamos que as charges trabalham nos limites do sentido possibilitando o movimento da cadeia significante. A charge traz como característica discursiva, a inscrição de sentidos estabilizados para desestabilizá-los. Essa inscrição não tende à paráfrase, mas à polissemia, pois ao inscrever os sentidos estabilizados, ela põe em jogo as contradições e tensões nas relações de modo que outros sentidos sejam apontados. A charge, portanto, tem seu funcionamento discursivo marcado pelo trabalho dos/nos limites de sentido para as posições-sujeito professor e aluno, possibilitando a polissemia.

Palavras-chave: posição-sujeito – equívoco – subjetividade – silenciamento – escola

Referências bibliográficas:

- INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em análise do discurso. In: MITTMANN, Solange; **GRIGOLETTO**, Evandra; CAZARIN, Ercília. Ana (org.) **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre, RS: Nova Prova, 2008.
- LAGAZZI, S. **O Desafio de Dizer Não**. Campinas, SP: Pontes, 1988
- LEBRUN, J.P. **A perversão comum: viver junto sem outro**. Rio de Janeiro; Companhia de Freud, 2008.
- _____. **Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social**. Rio de Janeiro; Companhia de Freud, 2004.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.
- _____. Tralhas e Troços: o Flagrante Urbano. In: ORLANDI, E. (org.). **Cidade Atravessada – Os Sentidos Públicos no Espaço Urbano**. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

Área / Linha teórica: Linguística / Análise de Discurso de linha franco-brasileira

Tipo de apresentação: Comunicação em grupo temático

Este trabalho se vincula a proposta de uma mesa condenada por um professor doutor, cujo título é: “Análise de Discurso: subjetividade e historicidade”